Dia 25 — São Crisanto e Daria, Mártires

Martirológio Romano

Os santos mártires Crisanto e Daria, sua mulher, em Roma; os quais, depois de muitos tormentos que padeceram por Jesus Cristo, no tempo do prefeito Celerino, por sentença do imperador Numeriano foram lançados num areal na via Salária e ali com pedras e terra os sepultaram vivos. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

O martírio de quarenta e seis soldados, que foram batizados juntos pelo papa Dionísio e imediatamente foram degolados por ordem do imperador Cláudio e sepultados na via Salária, também em Roma: ali mesmo foram também depositados outros cento e vinte e um Mártires, entre os quais estavam os quatro soldados de Jesus Cristo seguintes: Teonesto, Lúcio, Marcos e Pedro.

Os santos mártires Crispim e Crispiniano, nobres romanos, em Soissons, na França; os quais, na perseguição de Diocleciano, no tempo do presidente Ricio Varo, depois de padecer cruéis tormentos, sendo degolados, conseguiram a palma do martírio; seus corpos foram depois levados a Roma e sepultados honoravelmente na igreja de São Lourenço, chamada Panisperna. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

A paixão de São Miniato, soldado, em Florença; o qual, no tempo do imperador Décio, peleando generosamente pela fé de Jesus Cristo, alcançou a coroa do martírio.

Os santos mártires Proto, presbítero, e Genaro, diácono, em Torres, na Sardenha; os quais, tendo sido enviados àquela ilha pelo papa São Caio, no tempo de Diocleciano foram martirizados por ordem do presidente Bárbaro. (Veja-se sua notícia entre as de hoje.)

O martírio dos santos Martírio, subdiácono, e Marciano, cantor, em Constantinopla, martirizados pelos hereges no tempo do imperador Constâncio.

São Bonifácio, papa e confessor, em Roma. (Veja-se sua vida entre as de hoje.)

São Frontão, em Périgueux, na França. Foi consagrado bispo pelo apóstolo São Pedro, depois de havê-lo convertido a Jesus Cristo em companhia de Jorge, presbítero, com uma grande multidão de

gentios: esclarecido em milagres, descansou em paz.

A gloriosa morte de São Gaudêncio, bispo, esclarecido em santidade e doutrina, em Bréscia. (Foi eleito bispo de Bréscia para suceder a São Filastro, que havia sido seu mestre. Confirmada a eleição pelos bispos da província e por Santo Ambrósio, seu metropolita, foi preciso, para decidi-lo a admitir o cargo, ameaçá-lo com a excomunhão. Em 403 foi outro dos legados que o concílio de Roma enviou ao imperador Arcádio para defender a causa de São João Crisóstomo. Sua sabedoria e sua virtude estão impressas em todas as obras que dele nos ficaram, e delas se colige que morreu pelos anos de 420.)

São Hilário, bispo, em Gévaudan.

São Crisanto e Daria, Mártires

Entre os muitos ilustres Mártires que, para a metade do terceiro século, imperando Numeriano, derramaram seu sangue pela fé de Jesus Cristo, foi um dos mais célebres o invicto São Crisanto. Era natural de Alexandria; e tendo vindo a Roma seu pai Polêmio, cavalheiro distinto e muito estimado do Imperador, trouxe consigo a seu filho, cujo nobre natural, cuja cultura e cujo suavíssimo gênio o deram logo a conhecer, amar e respeitar. Viram-se precisados a fixar sua residência naquela capital do império romano pelas honras que nela receberam, tendo-se feito a Polêmio senador de Roma e sendo Crisanto em poucos dias a admiração e as delícias de toda a cidade. Era muito inclinado à leitura, sendo este seu nobre vício; e como dotado de um perspicacíssimo engenho, fazia oportuna eleição do melhor que haviam escrito os antigos, sem esconder-se coisa alguma a sua crítica nem a sua penetração. Faminto sempre e cobiçoso das melhores obras, queixava-se muitas vezes de não encontrar nas dos antigos filósofos, venerados por oráculos, coisa alguma que plenamente o satisfizesse, experimentando em todas não sei que vazio que trazia sempre inquieto seu coração e sempre mais e mais ansioso de leitura. Insaciável nos desejos de ler todo gênero de livros, vieram-lhe ditosamente às mãos os livros sagrados dos Cristãos e sobretudo os do sagrado Evangelho. Leu-os com aplicação, deram-lhe golpe e, gostando em cada página certo fundo de verdade e de solidez que convencia seu entendimento, ao mesmo tempo que o cativava e suspendia aquela majestosa simplicidade de estilo, caráter próprio dos sagrados Livros, concebeu um soberano desprezo de todas as obras profanas, desgostando-o já tudo o que não era sagrada Escritura.

Ansioso de ser instruído a fundo naquelas divinas verdades, que só descobria como pela metade na leitura dos Livros sagrados, desejou com ânsia encontrar-se com algum mestre hábil que lhe declarasse sua verdadeira inteligência. Deparou-lho muito em breve a divina Providência e foi um santo presbítero chamado Carpóforo, homem cheio do espírito de Deus e perfeitamente instruído na ciência da Religião e de maravilhoso talento para explicar as verdades do Evangelho. Teve Crisanto muitas conferências com ele; e obrando a Graça naquele coração dócil e naquele entendimento claro e reto que unicamente ia buscando a verdade, acabou de convencê-lo e de convertê-lo. Dissipadas muito em breve as trevas do paganismo aos raios da fé, descobriu claramente a loucura e a impiedade das superstições gentílicas; e abrindo-se caminho a verdade

da religião cristã por entre os erros do nascimento e da educação, declarou Crisanto absolutamente que queria ser cristão: pediu com instância o Batismo; e depois de suficientemente instruído, recebeu-o.

Não pôde ocultar-se longo tempo tão ilustre conversão. Era Crisanto como o sal e a alma de todas as conversações: notou-se que já não se deixava ver nas concorrências profanas nem nos jogos públicos: fez-se reparar sua circunspecção, sua reserva, sua compostura e seu retiro: via-se seu frequente trato com os Cristãos e chegou-se a suspeitar que já não era gentio. Quis seu pai esclarecer este ponto e ouviu da mesma boca de seu filho que já enfim havia encontrado a verdade, depois de tanto tempo como andava em busca dela, e estava convencido de que não havia outra verdadeira religião que a cristã, nem por conseguinte outro verdadeiro Deus que o que adoravam os Cristãos.

Não cabe na explicação quão surpreendido ficou o pai de Crisanto; mas presto se mudou a suspensão em cólera e a cólera em arrebatado furor. Mandou encerrar seu filho num horroroso calabouço, resolvido a deixá-lo morrer nele de fome, de fedor e de miséria. Passados alguns dias, tendo-o achado não só inabalável na fé, mas ardentemente ansioso de dar sua vida por amor de Jesus Cristo, mudou Polêmio de ideia e discorreu valer-se de outro artifício. Pareceu-lhe que, sendo Crisanto jovem, de bela disposição e educado numa religião como o paganismo, que autorizava as licenças da carne, o meio mais seguro para vencê-lo seria entregá-lo aos desafogos da sensualidade. Com esta infernal ideia, mandou que o tirassem do calabouço e o trasladassem a uma magnífica sala, adornada com preciosíssimos móveis, e nela o deixou encerrado com muitas damas cortesãs, das mais jovens, das mais belas e das mais desenvoltas, todas galhardamente vestidas e todas providas a porfia de quantos adornos provocativos podiam ser incentivos à tentação. Era o combate violento e sem a assistência de um poderosíssimo auxílio necessariamente se havia de desesperar da vitória. Ao instante acudiu Crisanto por ele, pedindo-o com instância ao Senhor, e foi prontamente ouvido. No mesmo ponto em que entraram na sala todas aquelas donzelas, apoderou-se delas um sono ou uma modorra tão profunda que foi preciso tirá-las todas da peça sem sentido e como mortas. Atribuiu-se este maravilhoso sucesso a feitiçaria dos Cristãos, segundo a cantilena ordinária e recurso geral dos gentios em semelhantes lances. Mas a Polêmio pareceu-lhe haver dado já com um meio eficaz para burlar a virtude destes imaginários encantamentos ou mágicos artifícios. Teve modo de ganhar uma das virgens vestais ou, segundo alguns autores, uma donzela consagrada à deusa Minerva, que se chamava Daria; e além de estar dotada de uma extraordinária formosura, faziam grandes excessos às graças de seu corpo as de sua discrição, entendimento e desembaraço. Persuadiu-a a que admitisse seu filho por esposo, muito esperançado de que com seus graciosíssimos modos e com seus engenhosos artifícios o reduziria a renunciar a religião dos Cristãos. Deu Daria seu consentimento à proposição e foi apresentada a Crisanto como sua futura esposa. O santo mancebo descobriu naquela formosa donzela um entendimento e uma penetração não muito comum nas pessoas de seu sexo; e sentindo-se interiormente movido do Senhor a empreender sua conversão, falou-lhe com tanta energia, com tanta eloquência e com tanta moção sobre a verdade da religião cristã e sobre a quimérica divindade dos falsos deuses que Daria pediu o Batismo. Administrou-se-lho em segredo depois de havê-la instruído e desde logo se mostrou uma das mais generosas e mais fervorosas cristãs. Unidos desta maneira os dois em religião, em máximas e em costumes, convieram reciprocamente em estreitar-se também com o vínculo do matrimônio; mas com a condição de que

haviam de guardar virgindade até a morte. Polêmio ignorava este mistério e ficou tranquilo logo que se efetuou o matrimônio, não duvidando de que Daria, a quem sempre considerava gentia, reduziria Crisanto a que não fosse cristão.

Aproveitaram-se vantajosamente em benefício da Religião da liberdade que os dois castos esposos gozavam na cidade. Procuravam informar-se das necessidades espirituais e corporais dos cristãos e todas as suas visitas eram excursões de misericórdia e de caridade. Buscavam-nos até nos sepulcros e nas grutas, onde se ocultava a maior parte deles durante a perseguição, assistindo-os, consolando-os e esforçando-os a padecer tudo o que se oferecesse por amor daquele grande Deus que premia com eterna glória até os desejos de padecer por seu amor. Nem se limitava seu zelo e sua caridade só às necessidades dos fiéis: experimentavam-na também nas suas até os mesmos gentios. Convencidos muitos com a força de seus discursos e movidos mais com a eficácia de seus exemplos, detestaram seus erros, abriram os olhos à luz da fé e receberam o Batismo. Como Crisanto e Daria eram tão cristãos, não era possível que o dissimulassem; e por outra parte era demasiado o ruído de suas conversões para que se pudesse encobrir. Foram delatados; prenderam-nos; e querendo convencer-se da verdade o tribuno Cláudio, ordenou que Crisanto fosse conduzido ao templo de Júpiter para oferecer nele sacrifício; e em caso de resistir-se, que fosse despedaçado a açoites como um escravo vil, pois pelo mesmo fato se fazia indigno da graça do Imperador.

Executou-se a sentença. Burlou-se Crisanto do ídolo, fazendo dele um soberano desprezo. Despiram-no à mesma porta do templo: açoitaram-no tão desumanamente que se lhe descobriam as entranhas; e sem um milagre houvera expirado na crueldade daquele tormento. Conduziram-no depois a um lôbrego calabouço que servia de latrina aos presos do cárcere, tão asqueroso por sua imundície como intolerável por seu fétido fedor; mas mal entrou nele o santo Mártir, quando sua lobreguez se converteu num resplendor celestial mais brilhante que o mesmo sol e seu fetor hediondo numa exquisita e suavíssima fragrância. Deu-se ordem aos verdugos para que o açoitassem segunda vez com certas varas de ferro; mas mal as tomaram nas mãos, quando se abrandaram de maneira que não lhes foi possível servir-se delas. À vista deste segundo prodígio ficou tão assombrado o tribuno que confessou não haver outro verdadeiro Deus que o Deus dos Cristãos e no mesmo ponto se converteu. Noticioso de tudo o Imperador, irritou-se tanto que mandou que fossem ao instante degolados todos os que se haviam convertido com aquelas maravilhas e que ao tribuno Cláudio se lançasse no Tibre; o que ao momento se executou.

São Crisanto foi restituído ao cárcere, enquanto Daria era arrastada a um lugar infame para ser afrontada nele; mas a mesma mão que defendia o santo confessor defendeu também milagrosamente a santa virgem. Saiu um leão de sua jaula, forçando as grades e a porta, e foi-se direito a prostrar-se aos pés da Santa para defendê-la contra todo insulto dos libertinos. Nenhum teve alento para aproximar-se dela depois que viram a fúria com que a fera se arrojou sobre um insolente que teve este atrevimento; e houvera perecido entre suas garras se não o tivessem libertado as orações da mesma Santa, cujo duplicado milagre o converteu. Espantado, mas não vencido, o tirano mandou que pusessem fogo ao quarto onde estava Daria, para que ela e o leão que a guardava se reduzissem a cinzas; mas o leão marchou sereno e sem lesão por meio das chamas, recolhendo-se direito a sua jaula sem fazer dano a pessoa alguma. O quarto da Santa ficou abrasado; mas a Daria não lhe tocou o fogo no pelo da roupa. O mesmo prodígio se obrou em

favor de São Crisanto; porque, tendo ordenado o Juiz que lhe abrasassem os lados com tochas acesas, aplicadas estas não fizeram o mais mínimo efeito. Envergonhado enfim o tirano de ver-se vencido por aqueles dois jovens, heróis da religião cristã, mandou que os tirassem a um campo fora da cidade, que se chamava o Escelerado, porque nele eram enterradas vivas as virgens vestais convencidas de incontinência, e no mesmo consumaram seu glorioso martírio os dois santos Mártires, sendo enterrados vivos num areal no dia 25 de outubro, pelo ano do Senhor de 284.

Logo que o Senhor deu a paz a sua Igreja e a cidade de Roma abandonou publicamente o culto dos ídolos para render-se a Jesus Cristo, aprouve ao mesmo Senhor, diz São Gregório, revelar o lugar onde estavam sepultados os corpos destes santos Mártires. Foram desenterradas suas preciosas relíquias e os milagres que acompanharam seu descobrimento fizeram glorioso seu sepulcro, aumentando o culto e a devoção dos fiéis.

São Gabino, Proto e Genaro, Mártires

A ilha da Sardenha, famosa nos anais eclesiásticos por haver sido lugar aonde foram desterrados tantos santos Bispos e tão ilustres Confessores da fé de Jesus Cristo, não é menos famosa pelos esclarecidos varões que têm tido nela seu nascimento. O havê-la olhado a natureza com cenho, fazendo-a de um ar malsão por causa dos pântanos que engrossam sua atmosfera e das altas montanhas que impedem sua transpiração pela parte do Norte, tem sido uma venturosa circunstância para que os inimigos da religião cristã pensassem estabelecer ali o teatro de suas crueldades e ao mesmo tempo o dos triunfos dos valorosos soldados do Crucificado. Na cidade de Torres, que presentemente se chama Sássari e está situada sobre o rio Torres, não longe do mar, nasceram São Proto e Genaro, varões santíssimos e de tão regulados costumes que mereceram dar sua vida por Jesus Cristo. Os primeiros anos de sua existência nos são inteiramente desconhecidos; somente se sabe que sua aplicação aos estudos sagrados e o fervor de seus costumes lhe proporcionou a Proto a dignidade do sacerdócio e a Genaro a de diácono. Este fato, em uns tempos em que estas dignidades só serviam de acelerar os instantes da vida e de chamar para si a crueldade dos tiranos e os horrores do martírio, prova bastante que tanto um como outro eram pessoas virtuosas, criadas nas máximas do Evangelho e com todo o valor necessário para derramar o sangue em obséquio das verdades reveladas. Estas circunstâncias fazem crer que tanto Proto como Genaro cumpririam exatamente as estreitas obrigações de seus ministérios respectivos. O primeiro, repartindo aos fiéis o pão de vida e de doutrina, confirmando-os na fé que haviam professado ao receber o Batismo e preparando suas almas com o escudo e armadura de Deus para poder defender sua lei santa nas ocasiões contínuas que se ofereciam. O segundo, cuidando das igrejas, da assistência e serviço dos altares, recolhendo as esmolas dos fiéis e distribuindo-as de maneira que se mantivessem os eclesiásticos, mas que as viúvas e os órfãos ficassem ao mesmo tempo socorridos. Viviam estes servos de Deus no tempo em que Diocleciano pretendia saciar a sede que o devorava de sangue de cristãos; e pensando que suas pessoas

poderiam ser úteis em umas circunstâncias tão críticas, passaram a Roma, que era o teatro da perseguição, e apresentaram-se ao santo pontífice São Caio para que os empregasse, segundo que, atendidas as circunstâncias, achasse ser mais conveniente. O santo Pontífice consolou-se muito vendo que em tempos tão calamitosos se encontravam cristãos que, sem temor dos tiranos nem dos tormentos, apresentavam o peito aos perigos. Deu-lhes as sagradas ordens que acima se têm referido e, dispostos desta maneira para pregar mais livremente e com maior autoridade as grandes verdades do Evangelho, voltaram à Sardenha desejosos de aproveitar a sua amada pátria quanto lhes fosse possível.

Mal chegaram a Torres, quando puseram em execução seu projeto com um zelo e atividade tais que faziam grande fruto nos que adoravam os deuses; seus peitos acesos com o fogo da caridade exalavam palavras e discursos tão abrasados que tudo quanto encontravam o penetravam do mesmo fogo. O culto supersticioso que se tributava às mudas obras das mãos dos homens decaía por instantes e em seu lugar se ia plantando a Religião verdadeira, que muitos abraçavam convencidos de sua pregação. Esta eficácia lhes ocasionou seu martírio; pois, tendo entre os convertidos cabido esta feliz sorte a um tal Gabino, soldado romano, personagem nobre da família dos Sabelinos, foi levada tão a mal esta conversão que, em consequência dela, os Santos se viram presos e atormentados. A nobreza da linhagem de Gabino fazia mais notório este fato e em Roma se havia de falar precisamente da negligência e descuido do governador da ilha, a cujo cargo estavam todos os pontos cruéis que continha o decreto da perseguição. Por este motivo a conversão de Gabino fez no presidente uma sensação maravilhosa, enchendo seu coração de ira, de vingança, de desesperação e de amargura. Mandou prendê-los e trazê-los a sua presença; e tendo-lhes perguntado por que pervertiam com doutrinas falsas e supersticiosas os que adoravam os ídolos, desprezando os sagrados decretos imperiais que deviam obedecer, responderam com liberdade propriamente cristã: Que eles obedeciam primeiro os decretos e mandamentos de Deus eterno, que estão cheios de santidade e de justiça, que os de um homem mortal enganado em suas ideias, seduzido de suas paixões e tão injusto em todas as suas obras como a mesma seita de superstição que professava: que eles não temiam um mortal cujo poder se estendia, no máximo, a atormentar seu corpo, mas temiam um Deus onipotente e justo que, depois de castigá-los nesta vida, tinha poder para destiná-los a suplícios eternos na outra. Portanto, que tivesse entendido que eles criam em um só Deus criador dos céus e da terra, em seu filho Jesus Cristo, que por redimir o gênero humano morreu morte de cruz, e no Espírito Santo, que com o Pai e o Filho vive e reina por todos os séculos dos séculos: que a este Deus adoravam, não os simulacros das imundas deidades do paganismo, que nenhum poder tinham nem representavam outra coisa que homens malvados e mulheres desonestas, dignos da execração de todo o mundo.

Uma resposta tão valorosa e tão cheia de verdades contrárias às ideias de que estava imbuído o iníquo presidente exaltou sua cólera de maneira que mandou lançá-los num calabouço escuro, onde os afligissem a fome e o fedor enquanto se desocupava de certos negócios e tinha a complacência de vê-los atormentar a seu gosto. Com efeito, passados alguns dias em que os Santos sofreram todas as misérias e penalidades de um cárcere tenebroso e hediondo e de uma desumanidade que os afligia com fome e desamparo, mandou o presidente que pusessem seu tribunal em lugar público e, preparados todos os instrumentos da crueldade, lhe trouxessem a sua presença Proto e Genaro. Fez-se assim e, perguntando-lhes segundo as formalidades da lei e achando-os firmes e constantes em sua doutrina, mandou que os pusessem sobre um potro e que

ali fossem despedaçadas suas carnes com garfos de ferro. Os verdugos executaram a iníqua sentença; e despindo, segundo o costume, o santo presbítero e diácono, colocaram-nos nos potros e começaram a despedaçar seus corpos com tanta fera desumanidade que corriam arroios de sangue. Estavam os Santos neste tormento tão terrível com os semblantes alegres e risonhos, gozando-se interiormente de que tinham a ventura de padecer por Cristo e manifestando no exterior aquela heroica fortaleza que pode somente produzir a divina graça. À proporção que os Santos sofriam os tormentos com paciência invencível, aumentavam-se a ira e o ódio do presidente, que via desprezados e inúteis todos os meios de sua vingança. Obstinou-se mais e mais e, crendo que muitos e repetidos tormentos poderiam conseguir o que o primeiro não conseguia, mandou que os verdugos apurassem seu engenho e sua fereza para atormentar os Santos de todas as maneiras possíveis. Não se sabe quais foram estas, nem quis Deus que os fiéis tenham o consolo de saber completamente todo o triunfo destes dois servos seus. Mas sabe-se que, ainda que executaram com eles o bárbaro decreto do presidente, cansaram-se mais presto os verdugos de excarnificar e atormentar aqueles membros sagrados que os Mártires de Jesus Cristo de tolerar com paciência invicta os extremos de sua crueldade ímpia. Sabe-se também que Deus nosso Senhor protegeu de tal modo com sua graça a estes dois ilustres Confessores de seu santo nome que de todos aqueles tormentos ficaram tão sem lesão e tão sãos como se nunca jamais os tivessem padecido.

Vendo o presidente quão pouco aproveitavam suas crueldades para que os Santos mudassem de pensamento, lançou mão dos artifícios. Pensou que Genaro, como mais jovem, estava seduzido pelo presbítero Proto e que, por conseguinte, separando-o de sua companhia, poderia atraí-lo facilmente a que adorasse os ídolos. Em ordem a Proto não concebeu esperanças tão lisonjeiras, porque sua idade e sua dignidade eram de certa maneira um obstáculo insuperável para que se determinasse a abandonar uma religião na qual tinha o ofício de sacerdote. Portanto, mandou que o levassem desterrado à ilha de Hércules, chamada por outro nome Linária, situada a curta distância da da Sardenha. Estava esta ilha à sazão inteiramente deserta e somente cobriam seu solo emaranhados bosques e matagais, habitação horrorosa de feras selvagens e animais peçonhentos. Era o ânimo do presidente que nesta ilha Proto fosse primeiramente atormentado da solidão, do desamparo e da fome e que, quando para evitar tão ferozes inimigos quisesse internar-se em busca de algum socorro, ou os animais peçonhentos o envenenassem ou as feras lhe despedaçassem as carnes para servir-se delas por alimento. Foi levado o Santo a esta desamparada e perigosa mansão, em que o ministro gentio tinha por seguro que havia de perecer com a morte mais horrorosa.

Mas aquele Senhor que mantém as avezinhas do campo e que não permite que morra de fome o mais mínimo e desprezível inseto preparou ao santo presbítero, naquela ilha deserta, comida e bebida abundantes que não somente bastavam para manter sua vida, mas além disso lhe serviam de regalo. Estas misericórdias do Senhor o tinham sumamente conforme com sua divina vontade e o obrigavam a empregar-se continuamente em dar-lhe graças por tão divinas piedades. A oração era seu ordinário emprego e com ela conseguiu que aquela solidão horrorosa, inundada de feras e infestada de animais venenosos, fosse limpa deles perfeitamente, e este mesmo benefício se crê o dia de hoje haver alcançado igualmente à ilha da Sardenha.

Entretanto ocupou-se o presidente em ver se podia verificar seus projetos em ordem ao jovem Genaro, para o que o chamou diante de si e lhe propôs com artifício quanto pudesse fazer mossa no coração de um jovem. Fez-lhe presente o florido de sua idade e as grandes proporções que esta lhe oferecia para desfrutar uma vida colmada de delícias. Que refletisse que era o extremo da necedade sacrificar uma vida tão preciosa a um capricho da opinião e o obséquio de uma religião que todos os sacerdotes e pessoas sábias do gentilismo convinham em que era supersticiosa e cheia de erros: que em obedecer aos decretos imperiais ia ganhar reputação e conveniências; pois todos o louvariam de judicioso e prudente e o Imperador o colmaria de honras e benefícios, com os quais poderia desfrutar tranquilidade e delícias: que abjurasse finalmente a religião de Jesus Cristo, que oferecesse incenso aos ídolos e ele saía fiador de que o Imperador lhe cumpriria exatamente suas promessas. Nem estas nem as estudadas razões do iníquo juiz fizeram mais impressão na alma de Genaro do que fazem as ondas do mar furioso na dura e antiga rocha que está no meio de suas ondas. Vendo o presidente que todas as suas artes eram inúteis para conseguir o que havia premeditado, mandou que assegurassem Genaro no cárcere e que trouxessem Proto de Linária com ânimo de voltar a juntar os dois e fazê-los passar por tormentos tão terríveis que pudessem servir de escarmento aos demais adoradores de Jesus Cristo. Executou-se assim, sendo igual, e ainda superior, a constância dos Mártires à crueldade do tirano em inventar tormentos. Não se saciava este em dilacerar os sagrados membros daqueles servos de Jesus Cristo; e assim, em lugar de mandar que lhes tirassem a vida, pois não podia duvidar que sua constância era absolutamente invencível, determinou que os entregassem a um soldado chamado Gabino, para que este os guardasse enquanto a fúria infernal do presidente inventava novas maneiras de atormentá-los. A ventura foi para o mesmo Gabino, pois os santos Mártires o instruíram na religião cristã e lhe falaram de seus soberanos mistérios com expressões tão vivas e penetrantes que o ditoso soldado percebeu toda a força da verdade, deixou que esta ilustrasse seu entendimento com seus divinos resplendores e se converteu à religião de Jesus Cristo. Instruíram-no os santos Proto e Genaro nos mistérios da Religião e, quando esteve catequizado suficientemente, administraram-lhe o sagrado Batismo. Em recompensa de um benefício que, com as luzes da fé, reconhecia por inestimável, deu aos dois Santos a liberdade, abrindo-lhes as portas do cárcere e permitindo-lhes que fugissem da crueldade do tirano; e não contente com isto, não se detinha em dizer publicamente que, se havia dado liberdade àqueles dois cristãos presos, era porque os concebia inocentes e que não havia razão nem motivo para tê-los em prisões.

Chegaram estas notícias ao tirano e, dissimulando ao princípio seu enojo, chamou a Gabino e com razões brandas e promessas procurou induzi-lo a que, arrependido de seu erro, desprezasse a religião que havia abraçado e voltasse novamente ao culto dos deuses. Todas as suas diligências foram inúteis, porque, persuadido Gabino das grandes e luminosas verdades que Proto e Genaro lhe haviam ensinado, nem ameaças nem recompensas tiveram força suficiente para apartá-lo de seu propósito. Por esta causa, vendo o presidente que perdia o tempo, pronunciou sentença capital contra Gabino, mandando degolá-lo no porto de Balagai. Enquanto isto se passava, Proto e Genaro, que se haviam ocultado num lugar dos arredores de Torres, tiveram uma visão em que eram convidados por Gabino à palma do martírio. Animados com esta visão, saíram de seu esconderijo e se apresentaram com inteireza ao tirano, o qual mandou que fossem igualmente degolados. Executou-se a sentença no dia 25 de outubro, no qual, cortadas suas sagradas cabeças, conseguiram estes três Santos a ilustre coroa do martírio. Para que seus corpos não fossem

venerados dos Cristãos, mandou o tirano que os lançassem em alto-mar; mas Deus, que tem empenhada sua palavra e tem oferecido que, ainda quando se conjurem contra seus servos todas as forças do abismo, jamais poderão conseguir que pereça um só cabelo de sua cabeça, cuidou de que as ondas do mar os levassem brandamente à margem e, recolhendo-os os Cristãos, os sepultassem com a honra e decência que mereciam. Com o tempo fabricou-se-lhes uma igreja magnífica, que se consagrou a seu nome, na qual foram colocados os sagrados corpos com toda a pompa, riqueza e magnificência que manifestava a devoção dos sardos. Sua festa é celebrada por toda a ilha e principalmente pela província Turritana com grande devoção e imenso concurso do povo, o qual experimenta diariamente os frutos de sua piedade em contínuos favores que Deus lhe dispensa pela intercessão destes Santos. Ainda que todos três são mártires da Sardenha e venerados com extraordinárias festividades e demonstrações de júbilo, é tão singular a devoção que têm os sardos a São Gabino que por esta causa ao mês de outubro, em que se celebra sua festa, costumam chamá-lo de São Gabino.

São Frutos, Confessor, Patrono de Segóvia

Em Deus sempre está a justiça acompanhada da misericórdia: quando a primeira preparava à Espanha o mais terrível castigo que se tem visto no mundo, mas o mais proporcionado a seus excessos, ao mesmo tempo a divina misericórdia olhava esta feliz região com olhos de piedade e lhe preparava, se não o remédio a seus males, ao menos um grande consolo em suas aflições. Poucos anos antes da grande devastação dos sarracenos nasceu na Espanha São Frutos, para que em meio das turbulências que haviam de padecer os fiéis da bárbara morisma tivessem ao menos um profeta que lembrasse aos espanhóis a causa de sua desolação, contivesse com prodígios o ímpeto furioso de suas crueldades e aplacasse a Deus com suas humildes orações. A desgraça e turbação daqueles tempos têm sido causa de que as memórias de um tão grande varão hajam chegado aos nossos tão escassas que mal se sabe dele outra coisa que o pouco que consta de alguns manuscritos da igreja de Segóvia, segundo os quais a vida de São Frutos se reduz ao seguinte:

Nasceu São Frutos em Segóvia, cidade de tão antiga origem que a curiosidade dos mais laboriosos antiquários não tem podido averiguar seus princípios. A época de seu ditoso nascimento, atendendo ao ano em que morreu e a ter setenta e três de idade quando Deus o chamou a melhor vida, deve estabelecer-se no de 642, primeiro do reinado de Chindasvinto e à sazão em que na província cartaginense presidia Eugênio II, metropolita de Toledo. Não se sabe o nome de seus venturosos pais; mas dos costumes de seus filhos se deduz que eram cristãos piedosos, pois dificultosamente poderia verificar-se em tempos tão corrompidos que três irmãos tivessem a um mesmo tempo o pensamento santo de abandonar o mundo, se em sua criação não lhes tivessem inspirado seus pais um profundo desprezo das coisas temporais. Por conjetura sabemos que foram gente bem abastecida de bens de fortuna e que, deixando três filhos numa idade bastante adulta, pagaram o comum tributo da natureza. Os outros dois irmãos de Frutos se chamavam Valentim e

Engrácia e todos três viviam em Segóvia, exercitando-se em obras de caridade e em quanto prescreve o Evangelho para a própria santificação. Era o tempo em que, concertados mutuamente o povo e os soberanos da Espanha, haviam posto o selo na última abominação. Toda a gente estava entregue à corrupção de suas paixões: a principal ocupação dos espanhóis naquele tempo desditoso era a desordem e os delitos: as leis, sem vigor e sem apreço, jaziam desprezadas. Frutos chorava incessantemente em companhia de seus irmãos os públicos delitos. Quanto estava de sua parte procurava recompensar com suas santas obras os inumeráveis males em que estava submergida sua cidade e toda a província. Mas como sempre são contrárias as trevas e a luz e nem pode sofrer Satanás que se lhe interrompa o domínio quando chega a tiranizar um miserável reino, os três santos irmãos padeciam grandes contradições. O mundo, sempre inimigo dos servos de Jesus Cristo, os perseguia cruelmente; e não podia sofrer umas obras que mudamente o arguíam de todas as suas iniquidades. Frutos, como o maior de seus irmãos, propôs-lhes o meio de servir a Deus com a maior tranquilidade, burlando-se ao mesmo tempo de quantos inimigos haviam declarado guerra a sua virtude. Representou-lhes que os bens que possuíam, ainda que desprezíveis em sua estimação, eram sem embargo umas cadeias que os tinham atados, precisando-os a residir em Segóvia, vivendo entre os perigos de tantas abominações. Que era preciso romper de uma vez estas cadeias, pondo por obra a máxima do Evangelho que aconselha que se vendam os bens temporais, se reparta aos pobres o preço e, livre deles, se siga a Jesus Cristo. Esta proposta logrou a aceitação de Valentim e Engrácia, os quais, como Frutos, não tinham outro interesse neste mundo que o de sua salvação e o procurá-la por todos os meios possíveis. Mas não haviam tratado que sítio deveriam escolher para sua residência depois de vendidas suas fazendas e abandonada a cidade. Proposta esta dúvida e refletidos por nosso Santo os inumeráveis escolhos que havia em toda povoação e a dificuldade de evitá-los na atual constituição das coisas, resolveram ir-se a um lugar deserto a fazer vida eremítica e a acabar o resto de seus dias em companhia das feras, menos temíveis à sazão que os mesmos homens. Estabelecida esta resolução, venderam todos os seus bens, repartiram-nos aos pobres; e desembaraçados de seu peso, ficaram mais expeditos para empreender o áspero e empinado caminho que conduz à região da vida.

Saíram de Segóvia e, caminhando a pé para a parte do Norte, andaram como umas dez léguas, encaminhando-se sempre a um asperíssimo deserto que está às margens do rio Duratón. Perto deste sítio existe hoje um convento de religiosos Franciscanos com a advocação de Nossa Senhora da Hoz, tomando este nome de uma volta que faz o rio, com a qual forma a figura daquele instrumento. A pouca distância começa o terreno a cobrir-se de tanta aspereza, cheio todo de penhas altíssimas e quebradas, que o só aspecto causa terror ao mais alentado. Conforme se ia apresentando aos olhos dos três santos irmãos tanta escabrosidade e horror, ia também logrando este deserto uma interior aceitação e apreço dentro de seus corações. Marcaram aquele sítio por acomodado a suas ideias e destinaram-no para teatro da vida celestial que haviam determinado empreender. Sendo preciso separar-se, porque Engrácia, ainda que irmã dos dois Santos, era afinal mulher e por conseguinte pouco a propósito para fazer a vida eremítica, elegeram lugares separados onde fabricar umas pobres ermidas que lhes servissem de habitação e de oratório. A Engrácia dispuseram-lhe a sua no sítio menos áspero, onde o rochedo começava a levantar-se. Não longe dali, a um lado da de Engrácia, construiu a sua Valentim; e Frutos, como mais esforçado que seus irmãos, subiu ao cume da montanha e elegeu para si o sítio de mais elevação, de mais horror e de mais aspereza. Esta é a distribuição que assinala Colmenares, o qual afirma que naquelas

alturas se conserva uma fonte que as gentes comarcãs chamam de São Frutos, persuadidas de que o Santo a fez brotar por especial virtude do céu.

Do fervor que os fez abandonar sua casa, vender seu patrimônio e distribuí-lo aos pobres e vir-se a um deserto tão espantoso, deixa-se inferir qual seria o teor de vida que empreenderiam aqueles ermitões. A só vista daquelas fragosidades anuncia a penitência, aspereza e mortificação em que viviam. Seu jejum era contínuo, sem permitir-se outro alimento que as ervas silvestres que produziam aquelas brenhas nem outra bebida que a água dos arroios, que frequentemente se misturava com suas lágrimas. Seu leito era o duro chão e de travesseiro serviam as pedras. A estas mortificações acrescentavam as do cilício e disciplina; e quando o sono devia reparar as debilitadas forças com algum alívio, então os Santos se mantinham em vigília, enviando suspiros ao céu não somente por seus próprios pecados, mas pelos de todo o mundo. Fixa sua vista nas desordens que oprimiam a Espanha, derramaram abundantes lágrimas, pedindo ao Senhor que a olhasse com olhos de misericórdia e não permitisse que uma região predileta, que havia merecido desde o princípio seus paternais cuidados, as distinções de sua Mãe santíssima e a pregação de um de seus Apóstolos, fosse finalmente submergida no abismo de suas iniquidades. A justiça de Deus é tão salutar como sua misericórdia. Sua sabedoria, que é infinita, não pode errar os meios da correção e do castigo e quando permite aos maus que apurem o vaso de sua abominação, não é tanto para vingar os direitos de sua Majestade ofendida como para tirar dali maiores proveitos. Enquanto os Santos oravam fervorosamente pelos pecados dos demais homens e pediam a Deus que pusesse termo aos delitos em que estava afogada a Espanha, o Senhor havia permitido que, vencido seu rei, pagasse sua desonestidade e covardia e que toda a Península tivesse que receber o jugo da nação mais carnal e mais bárbara. Os sarracenos não somente haviam subjugado as Andaluzias, mas, adiantando suas conquistas, haviam chegado a apoderar-se da cidade de Segóvia e seus arredores.

Muitos cristãos, fugindo a seu furor e não encontrando asilo contra ele senão nas montanhas ásperas e lugares inacessíveis, refugiaram-se àquele sítio solitário onde habitava Frutos. Ali lhe referiram as calamidades que padecia a Espanha: como toda ela havia caído em mãos de uma gente feroz que profanava os templos, burlava-se dos mistérios, degolava os sacerdotes, desonrava as mulheres, violava as virgens e fazia um horrível destroço em quanto encontrava pela frente. Os santos solitários choraram em companhia dos demais cristãos tanta miséria e desventura e, unindo todos os seus votos e gemidos, faziam oração a Deus dizendo: «Não entregueis, Senhor, a uma gente bestial umas almas que confessam teu santo nome; nem te esqueças para sempre jamais da vida miserável que vivem os fiéis humildes que professam a pobreza de teu Evangelho.» Pouco tempo durou aos fugitivos a segurança e consolo que lhes davam aquelas solidões; porque, apoderados os bárbaros daqueles arredores, chegaram a descobrir os solitários e os que se haviam refugiado àquelas asperezas. Julgaram-se todos perdidos, pois de uma gente ensoberbecida com as vitórias não podiam prometer-se outra coisa que a escravidão ou a morte. Chegaram-se a Frutos os Cristãos implorando sua proteção, na firme confiança de que o céu os ajudaria por sua mediação com mais poderoso socorro que o que lhes pudesse prestar um numeroso exército. Sua confiança não foi vã, pois quis o Senhor acreditar com um maravilhoso prodígio com quanta complacência ostenta seu poder em benefício de seus servos e quantas atenções lhe merece uma firme e humilde confiança. São Frutos, longe de intimidar-se ao ver que por todas as partes estava rodeado de maometanos, nem abater seu coração com os

clamores e desventura dos Cristãos fugitivos, havia concebido o projeto mais arriscado que pode caber em peito humano. Era este nada menos que o intentar converter os sectários de Maomé, pretendendo que abjurassem sua seita carnal e abraçassem o cristianismo. Para este efeito lhes fazia frequentes e vigorosas exortações, propondo-lhes o brutal de sua superstição e as racionais leis que havia promulgado Jesus Cristo. Este empenho chegou a irritar de tal maneira os maometanos que determinaram tirar a vida a Frutos e a todos os que com ele habitavam aquelas fragosidades, para dar deste modo alguma satisfação a seu grande profeta, a quem julgavam altamente ofendido. Assinalaram dia para a execução de tão iníquo projeto; e ao tempo que se aproximavam da celinha em que habitava Frutos, saiu-lhes este ao encontro, bem persuadido de que vinham com intento de tirar-lhe a vida, mas ao mesmo tempo com grandes desejos de sacrificá-la por Jesus Cristo. Sem embargo, doía-lhe sumamente o ver que sua morte seria princípio da desolação que padeceriam todos quantos se haviam refugiado àquelas brenhas. E fazendo sacrifício da glória que lhe poderia resultar de dar sua vida em defesa da fé ao amor que tinha a seus próximos, quis antes conservar a estes sua segurança que alcançar a láurea do martírio. Logo que teve os maometanos diante de si, armados com piques e lanças para tirar a vida a uma tropa de cristãos que, como ovelhas diante do lobo, haviam vindo amedrontados a guarecer-se de São Frutos, julgou que devia invocar o santo poder de Deus e dar a conhecer àquela gente protérvia que há um Deus no céu que sabe vingar seus ultrajes. Mandou-lhes deter-se em nome de Deus e que não passassem adiante de uma raia que com o báculo fez sobre uma grande penha. Antes que os bárbaros pudessem manifestar-se desobedientes a este preceito, o céu quis contê-los com uma maravilha inaudita. Pela mesma raia que havia assinalado São Frutos abriu-se o penhasco, formando uma profundidade grandíssima que separava os mouros dos cristãos e deixava a estes livres e seguros da fúria dos primeiros. Com este prodígio os mouros voltaram atrás de seu intento e os cristãos ficaram novamente persuadidos da grande santidade de Frutos e do muito que o céu o favorecia. Este prodígio está comprovado não somente com os documentos da santa igreja de Segóvia, mas com a vista ocular do mesmo fato; pois até o dia de hoje permanece a mesma penha dividida e perpetuado o milagre, chamando-se aquela rotura a cutilada de São Frutos.

Os mouros cobraram grande terror ao Santo, ao passo que os cristãos lhe tributavam novo respeito e veneração, fazendo-se assim famoso seu nome à proporção de suas virtudes. Estas cresciam cada dia mais, porque o Santo as aumentava com a oração, penitência e todo gênero de exercícios piedosos e além disso com infinitos trabalhos que empregava na saúde de seus próximos. Quis Deus premiar-lhos chamando-o para si e, ainda que não consta, como sucede de outros santos ermitões, as particularidades que precederam sua morte, deve-se crer que se armaria com os santos Sacramentos da Igreja para entrar na última luta com o inimigo comum. Sabe-se, sim, que saiu dela vitorioso e que, sendo de idade de setenta e três anos, cheio de trabalhos e merecimentos, o levou Deus a dar-lhe o prêmio de sua glória no dia 25 de outubro do ano do Senhor de 715. O Senhor honrou seu servo com vários prodígios; pois várias pessoas que tinham enfermidades incuráveis, só com tocar seus sagrados despojos ficaram repentinamente sãs. Logo que o Santo expirou, seus santos irmãos Valentim e Engrácia procuraram amortalhá-lo segundo lhes permitia sua pobreza; e dando-lhe sepultura na mesma ermida em que havia vivido, retiraram-se a outra perto de Caballar, onde foram finalmente degolados pelos mouros, segundo testifica Mondéjar. Destes Santos só ficam as memórias que há na vida de São Frutos. Acrescenta-se nela que os mouros lançaram suas cabeças numa fonte que ali havia, chamada hoje Fonte

Santa. O papa Sisto IV, numa bula dada no ano de 1476 em favor do priorado de São Frutos, chama-os Mártires. As santas cabeças foram levadas a Caballar, onde se veneram. Os corpos destes três Santos se conservaram na ermida de São Frutos, venerados dos Cristãos até o século XI, em que o rei D. Afonso VI, tendo enxotado a morisma de todos aqueles arredores e vendo como de dia em dia se aumentava o culto de São Frutos e seus irmãos, deu a ermida ao mosteiro de São Sebastião de Silos, que hoje chamamos Santo Domingo de Silos, para que a cuidasse com o esplendor que a tais Santos convinha, formando-se para isso uma escritura no ano de 1076. Feita esta doação ao abade de Silos, que o era então D. Fortúnio, sucessor de Santo Domingo Silense, procurou reparar a dita ermida, fazendo-a toda como de novo e edificando oficinas e celas para poder habitá-la alguns monges. Acabou-se esta obra no ano de 1100: consagrou a igreja o primeiro arcebispo de Toledo, D. Bernardo. De tudo isto ficou memória numa inscrição latina que puseram sobre a porta. No mesmo ano e dia foram trasladadas as santas relíquias desde seu sítio antigo a outro oco que o abade mandou fazer naquela igreja sobre a porta que cai ao meio-dia. Restaurada Segóvia e restituída a sua dignidade episcopal, solicitaram e alcançaram por meio do arcebispo de Toledo D. Bernardo que o mosteiro de Silos lhes concedesse a metade das relíquias destes Santos, o que se verificou no ano de 1125. Receberam-nas os segovianos com incrível júbilo de suas almas, manifestando na pompa exterior quanto gozo recebiam na posse de seus santos compatriotas. Guardaram o tesouro de tal maneira que com o tempo chegou a perder-se a memória do sítio determinado onde se custodiavam tão preciosas relíquias: só se sabia que estavam na catedral. Este esquecimento causava suma aflição nos cidadãos, até que, feito bispo daquela igreja D. João Arias de Ávila, natural da mesma cidade, quis Deus premiar sua piedade e zelo com o descobrimento de tão precioso tesouro. Este venerável bispo publicou jejuns e rogativas; e indo depois em companhia de algumas dignidades e prebendados da igreja a fazer a investigação, um dos artífices advertiu um oco no altar de Santiago. Cheio de alegria, meteu a mão e começou a gritar imediatamente clamando que se lhe abrasava. Acudiram todos sobressaltados, mas a turbação converteu-se bem pronto em alegria. O obreiro, que tinha um dedo da mão sem movimento, tirou-a perfeitamente sã. Toda a igreja se encheu imediatamente de uma fragrância celestial e a este gozo seguiu-se a invenção das sagradas relíquias, as quais trasladaram ao altar-mor enquanto se lavrava capela com advocação de São Frutos, fazendo Deus contínuas maravilhas por sua intercessão e manifestando deste modo quão maravilhoso é em seus Santos. No ano de 1558 foram colocadas na nova catedral. O ofício do achado das santas relíquias, que se começou a rezar naquela igreja no ano de 1466, inseriu-se em seu breviário do ano de 1527 com o título de Trasladação de São Frutos.

São Crispim e Crispiniano, Mártires

Os nomes destes dois gloriosos Mártires não são menos famosos na França do que o foram e são em Roma os dos anteriores. Desta capital do mundo passaram às Gálias a pregar o Evangelho em meados do século III, em companhia de São Quintino e de outros. Fixando sua residência em Soissons, à imitação de São Paulo instruíam muitos na fé de Cristo, que pregavam também em público nas ocasiões oportunas: e à imitação de São Paulo também trabalhavam com suas mãos de noite, fazendo sapatos, ainda que se diz que eram de nobre nascimento e irmãos. Os infiéis escutavam suas instruções e estavam admirados de suas vidas exemplares, especialmente de sua

caridade, desinteresse, piedade celestial e menosprezo da glória e vaidades do mundo: efeito de tudo o que foram inumeráveis conversões deles à fé cristã. Vários anos haviam estes dois irmãos continuado este exercício quando, indo à Gália Bélgica o imperador Maximiano Hercúleo, queixaram-se amargamente contra eles alguns idólatras. O Imperador, quer fosse por dar gosto aos infiéis, quer por lisonjear sua própria superstição e dar rédea também a sua natural crueldade, deu ordem para que fossem levados ante Ricio Varo, inimigo implacável do nome cristão, a quem havia antes feito governador daquela parte da Gália e promovido já àquela sazão à dignidade de prefeito do Pretório. Os Mártires saíram vitoriosos da presença deste Juiz desumano com a paciência e constância com que sofreram os tormentos mais cruéis e com que acabaram sua carreira com o cutelo pelos anos de 287. Em Soissons erigiu-se em honra deles uma igreja suntuosa e Santo Elói adornou ricamente suas urnas.

Do exemplo destes Santos mostra-se quão loucos são os pretextos de alguns cristãos que escusam a preguiça nas diligências que devem fazer para a perfeição com o cuidado de uma dilatada família ou com a atenção que devem prestar a seu trabalho ou profissão. Quantos Santos acharam num trabalho manual e constante os meios de conseguir sua perfeição? São Paulo fazia tendas de campanha: São Crispim e Crispiniano eram sapateiros: a Virgem Maria ocupava-se no cuidado de sua casa: Cristo mesmo trabalhava com seu pai putativo; e ainda aqueles Santos que deixaram inteiramente o mundo e seu comércio para dedicar-se de todo à contemplação faziam esteiras, cultivavam a terra, copiavam e cosiam livros. Todo o sistema de sua santificação consistia em sujeitar suas paixões e morrer para si mesmos, cumprindo exatamente as máximas e preceitos de Jesus Cristo.

Os santos Crispim e Crispiniano são patronos e modelos da piedosa irmandade dos Sapateiros, estabelecimento que principiou em Paris por Henrique Miguel Ruch, chamado comumente Henrique o Bom.

São Bonifácio I, Papa e Confessor

São Bonifácio era um presbítero de caráter irrepreensível, muito versado na disciplina eclesiástica e de avançada idade quando sucedeu a Zózimo no pontificado em 29 de dezembro de 418. Sua eleição foi feita muito contra sua vontade pelo clero e povo de Roma e pelos bispos circunvizinhos, como o testifica a relação que dela se enviou ao imperador Honório, que estava então em Ravena. A ela concorreram setenta presbíteros, alguns bispos e a maior parte do povo; mas três bispos e alguns outros deram seu voto por Eulálio, homem ambicioso e de muita trama. Símaco deu conta desta divisão ou cisma ao Imperador, o qual ordenou que se convocasse um sínodo para decidir o debate. O concílio que se teve houvera desejado que tivessem concorrido mais prelados, mas fez alguns decretos provinciais a que não se quis sujeitar Eulálio. Em vista disto foi condenado por sentença do concílio e ratificada a eleição de Bonifácio. Este Papa foi muito amante da paz e notável por sua doçura e mansidão: não obstante, não quis permitir que os bispos de Constantinopla estendessem seu patriarcado até o Ilírico, ou as províncias ocidentais que à sazão estavam sujeitas ao império do Oriente, mas que pertencessem sempre ao patriarcado do

Ocidente. Manteve acerrimamente os direitos de Rufo, bispo de Tessalônica, que era vigário seu na Tessália e Grécia; nem permitiu que se fizesse eleição alguma válida de bispos naqueles países sem que fosse aprovada por ele, conforme à antiga disciplina. Na Gália restituiu certos privilégios às sés metropolitanas de Narbona e Viena, eximindo-as de toda subordinação ao primado de Arles. Este santo Papa exercitou também seu zelo contra os Pelagianos e manifestou uma estimação muito grande de Santo Agostinho, que lhe dirigiu quatro livros contra os Pelagianos. Em sua carta terceira a Rufo diz São Bonifácio: «O bendito apóstolo São Pedro recebeu de Nosso Senhor sentença e comissão para cuidar de toda a Igreja, que foi fundada sobre ele.» São Bonifácio morreu em fins do ano de 422, tendo ocupado a Cátedra apostólica pouco mais de três anos e nove meses, e foi enterrado no cemitério de Santa Felicidade, que ele mesmo havia adornado, na via Salária. Fez às igrejas de Roma grandes donativos de pátenas, cálices e outras alfaias de prata. Beda cita um livro de seus milagres.

Missa (oração)

A missa é em honra de São Frutos, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Adesto, Domine, populo tuo: ut beati Fructi confessoris tui merita præclara suscipiens, ad impetrandam misericordiam tuam semper ejus patrociniis adjuvetur. Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Dai, Senhor, favor a vosso povo, para que, imitando os admiráveis exemplos do bem-aventurado Frutos, vosso confessor, seja ajudado com seu patrocínio. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, etc.

Epístola

A epístola é do capítulo 45 do Eclesiástico (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

Eclesiástico 45,1-6

> **Latim:** [1] Dilectus Deo et hominibus Moyses, cujus memoria in benedictione est. [2] Similem illum fecit in gloria sanctorum, et magnificavit eum in timore inimicorum, et in verbis suis monstra placavit. [3] Glorificavit illum in conspectu regum, et jussit illi coram populo suo, et ostendit illi gloriam suam. [4] In fide et lenitate ipsius sanctum fecit illum, et elegit eum ex omni carne. [5] Audivit enim eum, et vocem ipsius, et induxit illum in nubem. [6] Et dedit illi coram præcepta,

> et legem vitæ et disciplinæ, docere Jacob testamentum suum, et judicia sua Israël.

Português: [1] Moisés foi amado de Deus, e dos homens: Cuja memória está em bênção. [2] Fê-lo semelhante aos santos na glória, e engrandeceu-o com o terror que infundia a seus inimigos, e êle com as suas palavras aplacou os monstros. [3] Glorificou-o diante dos reis, e lhe prescreveu ordenações diante do seu povo, e lhe fêz ver a sua glória. [4] Pela sua fé e mansidão o santificou e o escolheu dentre toda a carne. [5] Porque o ouviu a êle, e a sua voz, e o fêz entrar na nuvem. [6] E lhe deu os seus preceitos cara a cara, e a lei da vida e da disciplina para ensinar o seu Testamento a Jacó, e os seus juízos a Israel.

Reflexões

Quando um homem corresponde de tal maneira à graça que chega a cativar-se em amor de Deus, este Senhor o exalta de maneira e o colma de seus dons que não parece senão que se o tira da esfera de homem; e que se verifica literalmente o que diz o salmo dos justos: «Vós sois deuses e filhos todos do Excelso.» Os elogios que o Espírito Santo tributa a Moisés na epístola deste dia e que a Igreja aplica a São Frutos são uma prova convincente desta verdade. Quando não se verificasse da soberana virtude da graça outra coisa mais que o que contêm as primeiras palavras, era bastante para conhecer seu ilimitado poder, a profusão de graças que derrama Deus sobre seus servos e a alteza a que sobem estes com só cumprir a lei santa do Senhor: «Moisés, diz, foi amado de Deus e dos homens e sua memória está em bênção.» O mesmo elogio se aplica a São Frutos e a um e outro se lhes conciliaram justamente suas obras. Mas quem não vê nisto mesmo o dedo poderoso de Deus, porque quanta dificuldade não inclui em si o ser a um mesmo tempo amado de Deus e dos homens? Porventura estiveram estes jamais de acordo com a vontade de seu Deus, agradando-se do que Ele se agrada e aborrecendo o que Ele aborrece? Não é certo que o pensamento e as inclinações do homem vão ao mal desde os primeiros momentos de sua vida e que Deus é o justo, o santo e o bom por essência?

Tudo isto é verdade; mas às reflexões ditas se satisfaz com uma de duas respostas, em que se deixa ver igualmente a grande bondade de Deus para com seus servos. Ele lhes concede o privilégio singular de tratar neste mundo com os homens de boa vontade, de que conheçam o fundo de sua virtude e de que o amem segundo seu mérito. Em meio da corrupção de que está inundada a terra reserva-se o Senhor certas almas a quem previne com sua graça e lhe são fiéis em todas as ocorrências da vida. Estas amam a Deus e tudo quanto lhe pertence. Por isso o justo que é amado de Deus é também amado dos homens, os quais enchem de bênçãos sua memória. De outra maneira pode desatar-se a dificuldade igualmente gloriosa a Deus e recomendável para seus servos. Em duas coisas principalmente diz o Espírito Santo que consiste a santidade do justo que elogia a epístola deste dia; a saber, na fé e na mansidão. Pelo que toca à fé, estão cheias as escrituras do Velho e Novo Testamento de seus elogios e de seus prodigiosos efeitos. Com ela fez-se Abraão tão humilde e obediente que, sem desdobrar seus lábios, ia sacrificar seu filho unigênito.

Pela mesma desafiava Elias todo o poder dos reis e burlava-se das astúcias dos sacerdotes gentios. Ao primeiro aspecto nem um nem outro podiam causar nos homens senão certa espécie de terror, porque o infunde realmente o haver de degolar seu próprio filho e o chover fogo do céu e devorar um bom número de soldados. Mas a mansidão, aquela virtude que nasce, não da natural temperança dos humores, mas de um grande fundo de caridade, é amável a todos os homens. Não há protérvia nem malignidade que resista à beneficência de um homem manso e verdadeiramente caritativo. Aquela compaixão que manifesta das desgraças de seu próximo; aquele dissimulo de seus defeitos; aquele zelo ativo com que pretende socorrer todas as suas necessidades; aquele desejo singelo, enfim, de sua salvação e de que logre todos os bens são uns motivos de amor e de gratidão a que não pode resistir o homem que pela depravação não tenha chegado a converter-se em fera. Portanto, o justo deve ser amado de Deus e dos homens.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 19 de São Mateus (o impresso remete à página do dia 3 de outubro).

Mateus 19,27-29

> **Latim:** 27 Tunc respondens Petrus, dixit ei : Ecce nos reliquimus omnia, et secuti sumus te : quid ergo erit nobis ? 28 Jesus autem dixit illis : Amen dico vobis, quod vos, qui secuti estis me, in regeneratione cum sederit Filius hominis in sede majestatis suæ, sedebitis et vos super sedes duodecim, judicantes duodecim tribus Israël. 29 Et omnis qui reliquerit domum, vel fratres, aut sorores, aut patrem, aut matrem, aut uxorem, aut filios, aut agros propter nomen meum, centuplum accipiet, et vitam æternam possidebit.

Português: 27 Então respondendo Pedro, lhe disse: Eis-aqui estamos nós que deixámos tudo, e te seguimos: que galardão pois será o nosso? 28 E Jesus lhes disse: Em verdade vos afirmo, que vós, quando no dia da regeneração estiver o Filho do homem sentado no throno da sua gloria, vós, torno a dizer, que me seguistes, tambem estareis sentados sobre doze thrones, e julgareis as doze tribus d'Israel. 29 E todo o que deixar por amor do meu nome a casa, ou os irmãos, ou as irmãas, ou a pai, ou a mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou as fazendas, receberá cento por hum, e possuirá a vida eterna.

Meditação

Sobre os benefícios e proveitos da vida solitária

Primeiro ponto

Considera que de apartar-se do mundo e separar-se a viver com só Deus resultam não somente a própria santificação, mas a utilidade de teus próximos e o fazer-te terrível às mesmas potestades infernais.

O Espírito Santo diz: «Que o que anda entre a pez necessariamente há de receber alguma mancha dela.» Daqui se argui que os negócios e burburinho do século contaminam o espírito e põem vários impedimentos para conseguir a saúde eterna. A reta razão infere desde logo que na solidão se há de achar todo o contrário. Assim é na realidade e assim o experimentaram os Santos. Considera um Moisés no deserto e verás quantas coisas lhe ensina ali o espírito do Senhor. Em só quarenta dias, diz Santo Ambrósio, que se retirou do tráfego do mundo, aprendeu aquela sublime ciência de dar leis a um povo numeroso: aquela discrição para julgar acertadamente nos casos mais árduos: aquela severidade que temiam os poderosos reis da terra e aquela mansidão que o fazia amado de Deus e dos homens. No deserto conseguiu aquele resplendor que adornava seu rosto e que era um símbolo das soberanas luzes que havia adquirido sua alma. Ali mesmo lhe apareceu o Senhor, comunicou-lhe seus desígnios em ordem a libertar o povo da tirania de Faraó, elegeu-o a ele por caudilho e pôs em suas mãos a virtude de sua onipotência, para que pudesse confundir os encantos dos magos e a contumácia do Rei com prodígios inauditos. Da mesma maneira vemos São João Batista que desde menino deixa os regalos de sua casa, as comodidades da povoação e se retira a um deserto a viver uma vida áspera e penitente. Ali adquiriu aquela santidade sublime, tão recomendada pelo mesmo Jesus Cristo, que chegou a exaltá-la sobre a de quantos haviam nascido de mulheres. Dali tirou aquele espírito terrível com que repreendia e ameaçava os escribas e fariseus, chamando-os raça de víboras; e a Herodes, dizendo-lhe com uma fortaleza inaudita: «Não te é lícito ter a mulher de teu irmão.»

Só o exemplo destes Santos manifesta suficientemente os grandes proveitos que resultam da solidão, tanto em ordem à própria santificação como para utilidade dos próximos. Mas a razão mesma o persuade, porque o homem se entrega à consideração de si mesmo, repassa todo o discurso de sua vida e olha com interesse o tempo que está por vir. O só aspecto horroroso de seus excessos passados o movem à compunção e lágrimas, lhe lembram a misericórdia divina e o dispõem a um verdadeiro arrependimento. Por outra parte considera a brevidade da vida e que a ela se segue outra imortal e eterna, que há de ser feliz ou infeliz segundo houverem sido suas obras. A tranquilidade e o repouso dão certo vigor e consistência a suas meditações e de tudo resulta a abominação dos passados excessos e o entabular novamente uma vida regulada pelos preceitos do Evangelho. O Espírito Santo derrama então suas graças sobre o coração que acha tão bem disposto e de tudo resulta uma mudança que se pode atribuir à destra do Excelso. Tanto bem como tem a solidão deve animar os espíritos apoucados e fazer mudar de opinião aos que vivem entregues ao mundo.

Segundo ponto

Considera que a solidão e o retiro são os meios mais oportunos para libertar-se dos contínuos perigos, enganos e ciladas com que nossos inimigos visíveis e invisíveis procuram nossa ruína.

No capítulo 48 de Isaías intima o espírito de Deus esta mesma doutrina, dizendo aos israelitas verdadeiros: «Fugi dos caldeus e salve cada um sua alma.» O melhor conselho que se pode tomar para precaver tanta multidão de laços como estão escondidos por todas as partes é a fuga. Por isso diz Santo Ambrósio (liv. 4, in cap. 4 Luc.): «Foge do mar do século e não temerás o naufrágio»: num mar tempestuoso, agitado de ventos encontrados, caso que todos não padeçam naufrágio, não se pode negar que todos estão em perigo de padecê-lo. A mesma experiência te pode ensinar a cada um a verdade que contêm estas sentenças. Porque, quantas vezes tiveste uns desejos singelos de abandonar tua vida relaxada e empreender outra cristã e piedosa? A morte repentina de um amigo, de um filho ou de uma esposa; a perda dos bens de fortuna; alguma centelha que prendeu em teu coração ouvindo a palavra divina ou qualquer outro dos muitos artifícios com que procura a graça a conversão do pecador moveram teu coração e o inclinaram a um verdadeiro arrependimento. Semelhantes efeitos os sentiste sem dúvida alguma na solidão; isto é, quando, retirado do mundo, pensavas em só Deus, já fosse isto numa igreja ao tempo de assistir aos adoráveis mistérios, ou em tua mesma casa, em um daqueles momentos em que te entregas a tuas devoções e à consideração de ti mesmo. Mas que se fizeram estes pensamentos logo que te apartaste de tua solidão e começaste a chocar com os objetos do mundo? Um homem ímpio te fez crer que era apoucamento de espírito o dedicar-se aos exercícios de devoção. Um amigo dissipado te levou ao espetáculo ou à concorrência onde todas as ideias de reformação se converteram em fumo. Um jogador que te levou a uma dessas infames casas onde faz mansão a desordem te fez aventurar a uma sorte a subsistência de tua família: uma mulher profana, enfim, irritou a sensibilidade de tua concupiscência e te fez vítima de suas obscenidades. Todos os bons efeitos daquele retiro acabaram no mesmo momento em que voltaste ao mundo.

Persuade-te, pois, de que semelhante traidor e semelhante inimigo é necessário fugir-lhe: de outra maneira não te poderás libertar de suas contínuas e cruéis hostilidades. Assim o conseguiu o povo de Deus oprimido no Egito com as infinitas vexações da superstição e da tirania. Saiu ao deserto e imediatamente recebeu os divinos benefícios. Seu caudilho via e falava a Deus com a mesma familiaridade que um homem trata a outro. Para que não errasse em seus caminhos pôs-lhe uma coluna no ar que de noite era luminosa para alumiá-lo e apartá-lo dos precipícios e de dia tão opaca e escura que o defendia dos raios do sol. O mesmo Deus era seu guia e capitão, que os alimentava com maná chovido do céu, com água milagrosa que brotavam as pedras e que lhes dava vitória contra todos os seus inimigos. Os mesmos benefícios receberás tu se, deixando o burburinho do mundo, te determinas a amar a solidão e a escutar com docilidade o que nela falará Deus a teu coração.

Jaculatórias

Quem me dará, Deus meu, asas para voar fugindo do século e achar o verdadeiro descanso que somente se encontra em Vós? (Sl 54.)

Minha alma se retirará a um lugar escondido e ali chorará os extravios e delitos em que a precipitou sua soberba. (Jr 13.)

Propósitos

1. São inumeráveis os elogios que dão os santos Padres à vida solitária e inexplicável o esmero e zelo com que a recomendam. São Basílio diz que a solidão é a morte dos vícios e o purgatório das impurezas. «Ó solidão, diz no mesmo livro dos louvores da vida solitária, ó solidão! o homem é certamente o que te habita; mas o que habita nele é Deus.» Noutra parte a chama paraíso de delícias, deleite das almas santas; e o Crisóstomo, na homilia terceira sobre o evangelho de São Marcos, chega a dizer que o Espírito Santo não habita em outra parte senão na solidão, onde tem seu assento. Ao ouvir todas estas coisas, é natural que se te sobressalte o coração, imaginando que para lograr os bens da solidão necessitas abandonar tua casa, tua família, os negócios anexos ao estado em que te constituiu a Providência, e encaminhar-te a um deserto para fazer ali a vida eremítica que professaram os santos anacoretas. Não, cristão, esse é um conceito errado que formas da solidão: esta, segundo os mestres da vida espiritual, não é outra coisa que um voluntário apartamento por alguns dias dos negócios do mundo, da sociedade dos demais homens e daquelas ocupações mecânicas em que se passa a vida, para dedicar-se ao exame da consciência, ao regramento de suas operações, ao arrependimento de seus passados delitos e à instituição de uma nova vida. Não é a solidão de que falamos aquela austera que professam algumas religiões por seu Instituto nem aquela puramente filosófica que têm abraçado alguns sábios para a contemplação das verdades naturais. Esta solidão limita-se somente ao único e grande negócio de tua salvação. Para fazê-la devidamente, deves eleger-te um lugar solitário e apartado do mundo e um varão sábio e virtuoso a quem descubras as chagas de tua alma para receber de sua mão as oportunas medicinas. Toda a ocupação destes exercícios espirituais se deve reduzir, antes de todas as coisas, a fazer uma confissão geral, de onde resulte a restituição da fazenda alheia e da honra que tiraste a teu próximo: a restauração da inocência de tua alma, chorando com lágrimas de compunção as culpas passadas e fazendo um firme propósito de perder antes a vida que ser a Deus ingrato; a ordenar tuas ocupações e exercícios de tal maneira que todos os dias destines algum tempo à leitura de algum livro espiritual e à contemplação dos divinos mistérios; e finalmente, desta solidão deves tirar a renovação de teu espírito e a saúde de tua alma. Todos quantos pretextos queiras opor contra ela não serão outra coisa que laços do demônio e invenções de tua mesma depravação para confirmar-te mais em tua ruína. Nem a fazenda, nem a mulher, nem os filhos, nem o despacho de teus negócios te importam tanto como tua salvação. Perdido este negócio, todos os demais estão perdidos. Para uma coisa de tanta importância acha-se facilmente oportunidade e tempo quando a vontade é singela. Por ocupado que estejas, não deixas de curar-te um braço se se te quebra, ou de perseguir um ladrão se te rouba a fazenda de tua casa. E quererás comparar com estas coisas perecedouras o assunto de tua salvação, um assunto que custou ao Filho de Deus todo o infinito preço de seu sangue? Solidão, cristão, retiro espiritual, abstração do mundo, que este é o meio poderoso de que chegues a ser eternamente feliz.

Revision #1
Created 20 November 2026 20:54:00 by Admin

Updated 20 November 2026 20:54:00 by Admin